

1. De que forma as Revoluções liberais-burguesas (Americana e Francesa/Napoleônica) alteraram a forma de fazer a guerra?

A guerra medieval da primeira modernidade empregava tropas nobres e algum tipo de exército popular, mas evitava confrontos massivos, considerando o pequeno excedente agrícola que não permitia alistar grandes números. Em geral, na época medieval e na renascença, o monarca unia sua guarda permanente a mercenários que não eram particularmente confiáveis¹.

As revoluções americana, francesa e as guerras napoleônicas mudaram a guerra em dois pontos específicos e muito significativos. O primeiro é que agora não se lutava mais por fidelidade a um rei, dinastia estrangeira ou abstratamente por uma religião, mas um conceito inteiramente novo - uma *nação*. Durante a revolução francesa, isso levou ao surgimento de um serviço militar obrigatório para defender uma causa que se assumia como a *própria* causa.

A segunda inovação, relevante sob o ponto de vista operacional e tático, foi a guerra *irregular*, com o uso de forças militares não convencionais contra tropas europeias - estas envolviam grupos menores de homens que empregavam manobras de flanco, cujo uso foi muito expandido durante a guerra civil americana, bem como tropas com comportamentos diversos da infantaria de linha, como os *chasseurs* napoleônicos.

2. A tecnologia gerada pela Revolução Industrial alterou as guerras no século XX. Comente a afirmativa.

As guerras napoleônicas foram "totais" apenas segundo a capacidade econômica e logística da época. A revolução industrial, por sua vez, introduziu uma abundância de recursos como ferro, aço e energia que levou à viabilidade e desenvolvimento de novos sistemas de armas e apoio - desde as primeiras inovações tecnológicas da era industrial, como o rifle Dreyse de 1841, até as devastadoras armas de repetição, como o fuzil Lebel de 1886 - primeiro fuzil da história a utilizar pólvora sem fumaça, de poder de propulsão superior à pólvora negra - e, notavelmente, a metralhadora, incluindo a pioneira Maxim de 1884, que foi usada em grandes números até a Segunda Guerra Mundial e ainda está em uso limitado.

Os sistemas de apoio incluíam artilharia de retrocarga, como o canhão Armstrong de 1855 e modelos posteriores, ferrovias que revolucionavam a logística e logo se tornavam o implemento de transporte mais importante de qualquer nação industrial, telégrafos que multiplicavam o poder de comando e controle, e o poder marítimo. O poder industrial em si já havia mostrado sua importância na guerra de secessão americana, enquanto a Prússia havia revelado em 1871 o valor do soldado preparado e do armamento superior - momento no qual o poder ofensivo foi potencializado de forma a inverter a tradicional vantagem da defesa.

Nas tensões que levaram à Grande Guerra, houve ainda outra mudança de quadro. Os exércitos passaram a ser recrutados em massa, agora por um Estado poderoso e nacionalista - a "mobilização total" - e supridos por uma capacidade logística imensa. Isto criou certo paradoxo - quando o exército alemão avançou sobre a França, no Plano Schlieffen, seu avanço inicial foi contido pela vantagem defensiva da metralhadora². Os exércitos se entrincheiravam, e paradoxalmente se voltou, em 6 meses, ao paradigma anterior de guerras defensivas. Os avanços foram pontuais e extremamente custosos, numa guerra de desgaste, e as tentativas de criar frentes secundárias tinham o objetivo de "puxar" forças alemãs para longe do *front* ocidental³. As inovações mais impactantes foram o aprimoramento da artilharia e a metralhadora - inovações que mostraram sua face antes da Grande Guerra, mas que demoraram a ser compreendidas pelos comandantes das primeiras guerras industriais.

¹ MACHIAVELLI, Niccolò. *O príncipe*. S.l., Madras, 1532-2013.

² PROENÇA JR, Domicio. *Guia de estudos de estratégia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, s.d., p.35 ss.

³ Id.

A Alemanha, anos depois, enfrentou o problema com o que se convencionou chamar de *Blitzkrieg* - que é, ressaltamos, um termo inventado por jornalistas⁴ para descrever o período inicial de sucessos alemães movidos a uma limitada motorização, marchas forçadas e anfetaminas⁵, e não um termo militar a descrever um modelo de emprego de tropas. A verdadeira inovação alemã foi a capacidade de compreender cedo a força da motorização e, especialmente, a força do uso de armas combinadas - utilizando simultaneamente o poder aéreo da Luftwaffe, a mobilidade das unidades blindadas, o apoio da artilharia divisionária integrada e o poder de consolidação de avanços da infantaria⁶.

Deve-se ressaltar ainda outra inovação tecnológica, esta de 1945 - o armamento nuclear. O mundo nuclear, porém, logo se tornou um jogo de xadrez - absolutamente limitado por um elemento novo e inédito. Este elemento, que mudou para sempre o caráter da guerra estratégica entre grandes potências, era a absoluta previsibilidade de destruição mútua assegurada, que paradoxalmente contribuiu para a ausência de qualquer uso militar de armamentos nucleares desde 1945.

3. Analise o caráter dos conflitos do século XXI, que iniciaram sob a forma de guerras híbridas e agora, com Guerra russo-ucraniana, voltaram a ser convencionais.

As modificações nas práticas conflitivas que levaram ao surgimento das chamadas guerras híbridas são uma consequência do fim da Guerra Fria. Com a renúncia do *status* de uma das superpotências da Guerra Fria, um problema surgiu - pois um inimigo foi sempre um elemento importante da política americana. Num quadro de ascensão de novas potências, a discussão teórica americana se deu entre declinistas e revivalistas. Surgiu um desequilíbrio estratégico conforme o Ocidente deixou de ter um inimigo que pudesse focar com clareza.

O orçamento militar e o volume de exércitos foi drasticamente reduzido, incluindo tropas técnicas, o que deixou pessoal altamente especializado desempregado, bem como um estoque de armamentos inteiramente vendido a quem pudesse comprar. Houve uma migração, pois, à criação de PMCs, ou companhias militares privadas. Na guerra do Iraque, por exemplo, mais soldados privados foram utilizados do que forças estatais. Grande parte de PMCs e milícias envolvem operações em Estados débeis nas áreas de tráfico e mineração.

Nesse contexto, passaram a ocorrer guerras contra Estados fracos - as guerras do Iraque e da Iugoslávia, com intervenção externa, são exemplos importantes. Estas guerras foram formativas de uma nova ordem com o objetivo de forçar estes Estados a seguirem uma nova forma de atuação internacionalizada. A internacionalização dos conflitos da Primavera Árabe foi o ápice deste tipo de relação, caracterizada por guerras assimétricas, guerras por procuração, guerras insurrecionais, revoluções coloridas⁷ e operações encobertas⁸.

Os objetivos estratégicos se alteraram, porém, de acordo com a ascensão da China. O Ocidente, nos últimos 5 anos, passou a deixar de lado os conflitos no Oriente Médio e passar a, novamente, se focar em conflitos convencionais - isso se reflete na mudança de concepção estratégica do governo Trump, passando a focar novamente em competições entre grandes potências⁹. A Rússia está ascendendo, e se aproxima da China, criando um cenário geopolítico complexo e arriscado que leva à recriação da capacidade militar convencional ofensiva - à qual China também respondeu, com a criação e aprimoramento de forças armadas modernas.

⁴ FRIESER, Karl-Heinz. *The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West*. Annapolis, Naval Institute Press, 2013, pp.2-4.

⁵ OHLER, Norman. *Blitzed: drugs in the third reich*. New York, Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

⁶ DIMARCO, Louis. *German Army Mechanization*. The Dole Institute of Politics. YouTube, s.d. Disponível em: <https://youtu.be/YThv9pmtuXo>.

⁷ KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo, EP, 2018.

⁸ CEPIK, Marco. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro, FGV, 2003, p.61 ss.

⁹ PECEQUILO, Cristina et al. *A política externa estadunidense sob Trump: a agenda eurasiática*. In: Boletim de Conjuntura NERINT, vol.3, n.9, 2018, p.13 ss.